5.º ANO — LISBOA—SEXTA-FEIRA, 29 DE JANEIRO DE 1926 — N.º 1476

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 45
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

O EMINENTE professor sr. dr. Egas Moniz acaba de publicar o seu novo trabalho «O Padre Faria na Historia do Hipnotismo», que corresponde á sua Conferencia realisada na Faculdade de Medicina de Lisboa, por ocasião do Centenario da Régia Escola de Cirurgia, mas «ampliada e dividida em capitulos».

Trata-se de um notavel trabalho sôbre a vida e a obra scientifica do famoso Abade Faria, aquela curiosa e romantica figura de que Alexandre Dumas fala no seu livro, de tanto renome, «Conde de Monte Cristo».

O Padre Faria, «que foi bem maior na realidade que na lenda», revive no estudo interessantissimo do ilustre professor e escritor. As doutrinas sobre magnetismo e hipnotismo do Padre Faria, cuja vida — diz o sr. dr. Egas Moniz «é um rosario de sucessos e desastres», são comentadas e apreciadas pelo autor deste livro monografico, com a autoridade do seu nome e o escrupulo scientifico do seu titulo.

—Tivemos o proposito, ao escrever este trabalho, de o tornar acessivel aos menos familiarisados nestes assuntos.

Esta declaração do sr. dr. Egas Moniz é, de si, suficiente a provocar o interesse de todas as pessoas que, mesmo não sendo medicos, se interessam, não apenas pela vida do celebre abade português, que Dumas dramatisou, mas pelos assuntos de hipnotismo nas suas relações com a sciencia.

* * *

AO contrario do que noticiámos ha dias, por insuficiencia de informações, o sr. Alexandre Ferreira, vereador e nosso amigo, quando numa das ultimas sessões camararias propoz que os edificios antigos de Lisboa, com pitoresco e caracter, fôssem especificados por uma comissão de artistas, e acautelados—não deixou de salientar que essa iniciativa partira do *Diario de Lisboa*, por sugestão do ilustre pintor Roque Gameiro.

* * *

A «AMERICANA» distrubuiu hoje o seguinte telegrama:

RECIFE, 28 — A colonia espanhola organizou um vasto programa de festas em honra da tripulação do «Pius-Ultra», tendo-lhe dado toda a adesão a colonia portuguesa. O Gabinete Português de Leitura receberá em sessão solene os aviadores espanhois, aos quais entregará diplomas de socios honorarios.—(A.)

* * *

PARTE na proxima segunda-feira, a ocupar o seu posto de consul de Portugal em Kristiassund (Noruega), o nosso amigo e distinto poeta sr. dr. Gomes Ferreira, a quem os seus amigos oferecem, na vespera da partida, um jantar que será revestido dum caracter de grande intimidade.

* * *

OS delegados da moagem do país, conferenciaram hoje com o sr. ministro da Agricultura. Pouco depois, o sr. Torres Garcia mandou para o «Diario do Governo» o decreto fixando o diagrama e preço das farinhas e o preço do pão no actual trismestre.

* * *

REUNEM amanhã, á noite, na Sociedade de Geografia, as três sub-comissões da Comissão de Defesa das Colonias: de propaganda no estrangeiro, propaganda pela imprensa portuguesa e de organização de conferencias.

A OBRA DO GOVERNO

Declarações

do ministro das Finanças

O ministro das Finanças, sr. Marques Guedes, cuja amabilidade, embora acompanhada de cortês discreção, nos é gostoso assinalar — conversou hoje com o *Diario de Lisboa*. Poucas declarações.

Sobre a votação esta madrugada da proposta de duodecimos, repetiu que ela era indispensavel para as exigencias de administração, visto não haver, em relação ao ano economico que corre, orçamentos votados.

—O *deficit* de 83:000 contos, relativamente pequeno, como digo no preambulo da proposta orçamental para 26 27, pode ser diminuido sensivelmente, reduzindo algumas despesas, principalmente com funcionalismo inutil, e ainda porque algumas receitas estão calculadas modestamente. E' preferivel este sistema, ao de arranjar rendimentos ficticios.

E acentuou que a receita dos fosforos está calculada em 71.000 contos. Ora, segundo o sr. ministro das Finanças essa receita, seja qual fôr o regime que em materia de tabacos se venha a adoptar, pode subir, sem exagero, a 120.000 contos. A receita dos fosforos, calculada em 10 000 contos, tambem deve sensivelmente ser maior.

O sr. Marques Guedes, que é defensor de uma politica de parcimonia em calculo de receitas — isto é: uma politica de honestidade — declarou tambem que as despezas com o funcionalismo podem, sem violencias nem artificios, ser reduzidas em 5 por cento, o que é alguma cousa.

A este respeito declarou que a desigualdade nos vencimentos é enorme. Ha funcionarios que recebem pelo coeficiente 12 e outros pelo coeficiente 30 e até 40! Uma equiparação impõe-se, assim como se impõe terminar com certos abusos de pessoas—e citou—que recebem vencimentos do Estado, quasi a titulo honorifico.

—E é muito grande a verba a eliminar?

—Não será. Mas representa um saneamento moral.

O sr. ministro declara que ha Ministerios onde o funcionalismo é insuficiente. Por exemplo: o das Finanças Alfandegas e Impostos.

Como quer que na discussão da proposta de duodecimos fôsse modificado o artigo 2.º, que se referia ao rendimento de Turismo (questão nacional das estradas), o sr. Marques Guedes disse-nos que, tendo sido anteriormente calculada em exagero a receita do fundo de viação e turismo, houve que diminuir esse calculo, o que é mais exacto. Este rendimento não vai além de 7.500 contos.

Pensa o sr. ministro que para fazer face á obra indispensavel de reparar ás estradas é preciso um minimo de 240 000 contos, que não pode sair do orçamento, mas de um emprestimo, amortisavel em 4 anos, e para cujo encargo o rendimento do fundo de turismo podia inicialmente ser utilisado.

Como se fará esse emprestimo? Interno? Externo? Algumas opiniões defendem o emprestimo exterior e o ministro não discorda.

—Quanto ao futuro regime dos tabacos?

—O governo faz disso questão aberta, e o partido democratico tambem.

—E v. ex.ª, pessoalmente?

—Sou pela regie.

—Mas...

—Nem todos os argumentos contra são de aproveitar. Se ha casos passados a contrariar a opinião da Regie — pela experiencia — outros casos a defendem. A Caixa Geral de Depositos, por exemplo, tem administração autonoma, e não ha nada que lhe dizer. Pelo contrario. Em qualquer caso, porém, o rendimento dos Tabacos deve crescer notavelmente — a favor do Estado.

—Quanto a impostos?

—A sua cobrança pode aperfeiçoar-se, e os impostos atingirem melhor rendimento. O ministerio das Finanças, neste capitulo, luta, porém, com falta de pessoal. E' inegavel. E sem pessoal não se cobram impostos.

—Tenciona aumentar o pessoal?

—Não senhor... O sr. Vitorino Guimarães era, justamente, de opinião contraria. Mas...

Ficou no «mas».

—As dividas de guerra?

—Não lhe posso dizer nada.

—A Comissão tem alguma base para apresentar em Inglaterra?

—Talvês. O nosso embaixador em Londres já tinha proposto ao tesouro inglês nós liquidarmos essa divida com anuidades, dois terços das quais seriam representadas pela importancia a receber da Alemanha e o restante em numerario. O tesouro inglês não aceitou isso, «nem a Portugal, nem a país algum». Não se quere fazer pagar com dinheiro a recebermos da Alemanha, porque, assim, os países devedores descuravam o direito de obrigar a Alemanha a satisfazer os seus compromissos.

—E assim...

—Nada feito. O processo vai ser outro.

—Qual?

—Não lho posso dizer.

—A comissão portuguesa...

—Parte brevemente.

—Chegar-se-ha a um acôrdo?

—Estamos convencidos.

—Qual a base?

—Isso agora...

Vinte e dois milhões de libras devemos nós á Inglaterra, com juros. Já o *Diario de Lisboa* noticiou, por vezes, constar-nos que fôra sugerida a anuidade de 500 000 libras. Não aceitamos. Poderiamos nós, de facto, com um encargo de 50.000 contos anuais?

Tal pregunta não a puzemos, porém, por inconsistencia de fundamento, ao sr. ministro das Finanças.

OS paineis do Museu de Arte Antiga... Na nossa 3.ª pagina publicamos hoje um artigo, do sr. dr. José Saraiva, em resposta ao artigo, que publicámos, do sr. dr. Reinaldo dos Santos. Apesar da disposição em que estavamos de, por agora, não nos ocuparmos do assunto—*noblesse oblige*. Esta questão de arte, embora longe de reunir uma unanimidade de vistas—bem pelo contrario!—continúa a merecer o interesse publico. Claro que, seguidamente, publicaremos a replica do sr. dr. Reinaldo dos Santos, se este senhor entender escrevê la.

* * *

O SR Camara Lima, admiravel e esfusiante temperamento de jornalista, do melhor espirito, nosso distintissimo colega do *Correio da Manhã*, encontra-se já ha algumas semanas doente em sua casa.

Sabemos que o brilhante e inconfundivel cronista vai publicar dentro semanas um livro intitulado «Cartas a Mulheres e bilhetes a toda a gente», e, logo a seguir, um outro livro —que ele diz ser o ultimo, como se o escritor o possa dizer—que se chamará «Com esta não os enfado mais».

* * *

O SR. ministro das Finanças leu hoje, na Camara dos Deputados, varios documentos sobre a constituição do Banco Angola e Metropole, extraidos do relatorio do sr. Luiz Viegas.

A certa altura, exclamou:

—Pela leitura destes documentos, verifica-se que, se era diabolico o plano de acção dos homens do Angola e Metropole, mais diabolico era ainda o plano de defeza que eles tinham organisado!

* * *

O CONSELHO de ministros forneceu hoje á imprensa a seguinte nota oficiosa:

«Na reunião do conselho de ministros, que hoje se efectuou no ministerio das Colonias, das 11 ás 14 horas, além do conhecimento que o ministro dos Negocios Estrangeiros deu ao conselho, do estado em que se encontram varias questões pendentes do seu ministerio, ocupou-se do exame doutros assuntos é discussão pelos ministros das Colonias, Guerra e Comercio».

* * *

DENTRE as pessoas que queiram visitar a Feira Internacional de Bruxelas, só os portugueses são obrigados a ter o visto consular belga no respectivo passaporte. Como já não é a primeira vez—nem será a ultima —que chamamos a atenção do ministerio dos Estrangeiros para este assunto, esperamos que ele seja resolvido em breve, como convem aos interesses portugueses.

* * *

TOMOU posse quinta-feira o novo senador por S. Tomé, o sr. dr. Miguel Machado. O Senado conta, pois, com mais um elemento de valor e de reputação, que na ultima Conferencia dá Sociedade das Nações soube defender, com patriotismo, os direitos coloniais de Portugal.

* * *

RECEBEMOS a visita do sr. D. Alejandro Padilla, ilustre ministro da Espanha, que veiu agradecer-nos os cumprimentos por motivo do dia onomastico de D. Afonso XIII e as referencias feitas pelo *Diario de Lisboa* ao notavel feito dos aviadores espanhois.

A musica

S. Luiz

Poucas vezes terá um recital de piano provocado um entusiasmo tão caloroso como o que ontem se manifestou, póde bem dizer-se, a cada numero interpretado pelo colossal pianista Arthur Rubinstein.

Embora conhecido de todos que em Lisboa se interessam por musica e pelos frequentadores da Sociedade de Concertos, como um dos primeiros pianistas mundiais, Rubinstein não era, até ontem, tão conhecido do grande publico português, como por exemplo, o violinista Kubelik Por isso, no entusiasmo de muitos espectadores havia surpresa, não sabiam ao entrar na sala do S. Luiz diante de que artista se iam encontrar, e a cada nova interpretação mais e mais se iam convencendo de que se tratava de mais alguma coisa do que um «virtuose» possuidor de uma tecnica ilimitada, habil na interpretação da musica moderna. De facto, a todos que assistiram ao recital de ontem, Rubinstein apareceu como um dos maiores mestres do teclado de que reza a historia da musica, pela intensidade requintada e multiformidade do seu talento.

O programa continha musica classica, romantica e moderna. Constava da «Apassionata» e «Marcha das ruinas de Atenas», de Beethoven, balada em lá bemol «Berceuse», valsas em lá bemol e dó sustenido e poláca em lá bemol, tudo de Chopin, «Navarra», «Evocacion» e «Triana», de Albeniz, e danças «de la molinera» e «del amor brujo», de Falla.

Do que dissemos se depreende o que pensamos do valor do artista e que não temos preferencias quanto as interpretações. Dos trechos mais entusiasticamente acolhidos, destacaremos porém a «apassionata», a valsa em lá bemol e a poláca, a «Navarra» e a «Triana».

Em «bis», na primeira parte, uma tocata de Bach, na segunda, um estudo de Chopin, no fim, uma estupenda versão da «Isle joyeuse», de Debussy, e o «Rêve d'amour», de Liszt.

Luiz de Freitas Branco

Rubinstein

despede-se no proximo Domingo

Depois do colossal e entusiastico exito de ontem, o celebre pianista Rubinstein acedeu a inumeros pedidos, em tomar parte, pela unica vez, no concerto da Orquestra Sinfonica Portuguesa, dirigida pelo maestro Blanch, depois de amanhã, domingo, despedindo-se nesta tarde do nosso publico. Dificilmente tornaremos a ouvir tão depressa o grande artista de piano, pois segue dentro de pouco tempo para uma larga «tournée» pelo norte da Europa e por toda a America, «tournée» de alguns anos. Rubinstein teve ontem uma gloriosa noite de triunfo e todos lhe devemos ficar gratos por o tornarmos a ouvir executando com orquestra duas das mais notaveis obras, o celebre «Concerto em si bemol» de Brahms e o «Concerto em sol menor» de Saint Sans. A orquestra executa em 2.ª audição uma suite da opera ballet «Mlada», de Rimsky-Korsakoff e a brilante ouverture do «Guarany. E' esta uma das mais belas tardes da temporada.

O concerto

do maestro Fão

Além das obras do programa, nas quais a orquestra é aumentada com orgão, celesta, sistro e piano a quatro mãos, tocará o «Concerto em lá maior» de Mozart, para piano e orquestra a celebre pianista polaca Carolina Peczeniki, eximia interprete dos compositores classicos.

Neste concerto reaparece já o celebre violinista Luis Barbosa, que sofreu uma melindrosa operação.

OS RETRATOS imitando agua-forte

Os *Foto-Etchings* que a *Fotografia Inglesa*, de J. & M. Lazarus, introduziu em Portugal, estão sendo a grande moda em fotografia.

Na Rua Ivens, 59, ha em exposição permanente, além de *Foto-Etchings*, retratos em todos os generos, aguarelas inglesas e milhares de molduras.

CARTAZ

TEATROS

S. Luiz=A's 9,15=«A Moça de Campanilhas».
Trindade=A's 21=«La Féria de las Hermosas»
Ginasio=As' 9,15=«A Tia Andreza».
Apolo=A's 9,15=«As duas causas».
Avenida=A's 21,15=«O Pão de Ló».
Eden-Teatro=A's 20.30 e 22,45=«Fungágá».
Maria Vitoria=A's 20,30 e 22,30=«Foot ball».
Salão Foz=A's 15 e 21=«Pirolito».
Coliseu dos Recreios=A's 21=Companhia de circo.
Salão Alhambra=A's 21=Variedades.

ANIMATOGRAFOS

Tivoli=Avenida da Liberdade.
Joaquim de Almeida=A's 20,30=Cinema e variedades.
Olimpia=Rua dos Condes=«Matinée» e «soirée»
Chiado-Terrasse=Rua Antonio Maria Cardoso=Domingos e feriados, «matinées».
Cinema Condes=Avenida da Liberdade.
Salão Central=Praça do Restauradores
Salão Ideal=Rua do Loreto.
Cinema Gil Vicente=A' Graça=Domingos, Terças, Quintas e Sabados.
Cine-Teatro Joaquim de Almeida=(Ao Rato).

O ANO SANTO

Um livro

de um peregrino de 1877

e o livro "Portugueses em Roma,,

de Norberto de Araujo

Publicou o nosso colega *O Seculo* um artigo sobre o livro «Portugueses em Roma», do nosso enviado especial junto da Peregrinação, Norberto de Araujo.

O artigo, da autoria do a tantos titulos ilustre jornalista sr. Avelino de Almeida oferece, além do interesse critico, o merecimento de aludir a um livro publicado em 1877 por um eminente sacerdote ha poucos meses falecido.

Transcrevemos, com a devida venia, grande parte do artigo de *O Seculo*, a que nos referimos:

Entre os poucos jornalistas que acompanharam a Roma a primeira peregrinação portuguesa do Ano Santo de 1925, contou-se Norberto de Araujo, que ao *Diario de Lisboa* dirigiu as suas cronicas de impressões e informações, á medida porque se foi efectuando a viagem e consoante se realisaram os actos religiosos da capital do Catolicismo, nos quais intervieram os devotos nossos compatriotas.

Norberto de Araujo, a cujo talento literario e jornalistico temos, por vezes, rendido a homenagem adequada, saiu-se da tarefa espinhosissima por forma a merecer as elogiosas referencias que lhe são feitas e ao seu trabalho nos documentos que constituem a portada do volume em que recolheu agora as suas impressões sob o titulo de *Portugueses em Roma*. Firmam esses louvores o cardeal patriarca de Lisboa, que presidiu á peregrinação; os diplomatas Pedro Martins e Augusto de Castro, isto é, o antigo e actual ministro de Portugal junto da Santa Sé, e ainda Aires de Ornelas, o *leader* do partido monarquico.

Como os livros de memorias, os livros de viagem são, em regra, interessantes, mas o interesse sobe de ponto quando as notas impressivas neles recolhidas foram imediatamente registadas *in loco*, sem excesso de preocupações literarias, sem o aparato de erudita bagagem adquirida de proposito para fazer figura no lance. Norberto de Araujo apenas curou de, em traços leves, rapidos, sinteticos, luminosos, transmitir ao publico do seu jornal, e cujas predilecções conhece á maravilha, o que mais podia a este agradar e convir. Assim procedendo, com habilidade e com arte, sem subserviencias e sem durezas, nunca perdendo de vista a natureza do facto que fôra incumbido de descrever, o jornalista conseguiu o seu principal objectivo, que era não magoar ninguem e prestar, ao mesmo tempo, culto á verdade.

Ha quarenta e cinco anos publicaram-se em volume, subscrito pelo nome de um sacerdote de excepcional cultura filosofica, teologica e humanista, o rev. Martins Capela, as suas impressões da peregrinação portuguesa de 1877 *ad sacra limina*. A instancias de amigos, e para satisfazer um compromisso moral, trouxe a lume o sabio eclesiastico esse livro que se intitula *A Roma!* e que fomos agora buscar á nossa estante para o reler, depois de relidas tambem as recentes cronicas de Norberto de Araujo, agora enfeixadas numa elegante brochura. O peregrino de 1877, cerebro poderoso e alma de santo, partia, em adiantada e venerada velhice, para a viagem de que não se volta mais, quando Norberto de Araujo acabava de regressar de Roma... A aproximação e o cotejo de obras cujo originario motivo é quasi identico, não deixam de possuir encanto e de encerrar lição proficua. Martins Capela redigiu e retocou, repousadamente, as notas do seu canhenho, estampando-as três anos depois da viagem. Norberto de Araujo passou-as logo ao telegrafo ou confiou-as, sem perda de um minuto, ao correio, febrilmente, para que se fossem publicando a par e passo da sucessão dos episodios que o tiveram como espectador e actor, muito embora quizesse conservar-se, de preferencia, á margem deles, como sua mera e insuspeita testemunha. Mudaram as epocas, sucederam-se as gerações, surgiram outros costumes, os progressos materiais e scientificos correm vertiginosamente; uma coisa apenas permanece imutavel; a fé, na sua essencia e, com ela, a Igreja, no seu prestigio! Eis a conclusão primeira a que chegámos, aproximando e cotejando *Portugueses em Roma*, de Norberto de Araujo, e *A Roma!*, de Martins Capela, livros que a longa distancia de meio seculo separa. Um, o peregrino devoto: outro, o «reporter» timbrando de imparcial e até teimosamente apostado em mostrar que o é, convem ambos no reconhecimento do duplo facto que apontamos: uma crença que não morre, subordinada á hierarquia de uma divina fundação que prevalece contra todas as arremetidas dos seus multiseculares adversarios.

Norberto de Araujo, como jornalista, com o agudo sentido das coisas flagrantes, não encarou apenas os aspectos misticos da peregrinação, porque—e muito bem—teve o natural cuidado de lhe anotar os inseparaveis aspectos terrenos. mundanos e até politicos.

Antes de Roma, o cronista dá-nos, fugidiamente, Burgos e Lourdes. A cidade dos Papas, que é tambem a capital da Italia una, hoje vivendo uma e outra em discreto entendimento, tem nos *Portugueses em Roma* a porção principal. Os actos comemorativos do Ano Santo, a canonisação da bemaventurada Tereza de Lisieux, a politica de Portugal em Roma, o encontro dos portugueses com o Sumo Pontifice, o que este disse e recomendou aos peregrinos, a acção do cardeal patriarca D. Antonio, a presença de D. Manuel II na Cidade Eterna, simultaneamente com a dos que foram seus subditos, o que ocorreu em torno do discutido caso, tudo Norberto de Araujo fixou, carreando desta arte para o solido edificio da Historia, mas sem se dar ares de o fazer, a contribuição jornalistica hoje indispensavel para ele se erigir.

... ...

Avelino de Almeida

Declaração

Tendo resolvido explorar, sob a minha responsabilidade individual, o negocio de joias e pratas, continuo a declarar aos meus amigos e ao publico que me desliguei da firma Raul Pereira & C.ª Ltd.ª, cujo estabelecimento de Lisboa começou a denominar-se Joalharia do Carmo.

Fugindo aos incomportaveis encargos que um estabelecimento acarreta e servindo, assim, melhor o publico, vou inaugurar brevemente os meus escritorios de Lisboa e Porto com um magnifico sortido dos artigos em que me especialisei.

Lisboa, 29 de Janeiro de 1926.

Raul Pereira

A PRODUCTORA DE LICORES

Duarte & Matheus Lda. participam aos seus clientes que continuam avençados com a Fazenda Nacional, podendo todos os artigos do seu fabrico ser expostos á venda livres de qualquer encargo.

'CHIC, O melhor café / O melhor bife / O melhor almoço

P. Restauradores, 20

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro **Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo**

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa das Galveas (D. Maria Guiomar), D. Alda Guedes Pinto Machado, D. Maria José de Portugal de Queiroz de Bragança, D. Fernanda Quintela de Mendonça Castilho, D. Gabriela Ramalho Pinto da Fonseca, D. Maria Gabriela de Sousa Coutinho (Linhares) e D. Maria da Assunção de Siqueira de Castelo Branco (Pombeiro).

E os senhores:

D. Pedro Maria do Carmo de Noronha, Raul Cordeiro Ramos, Miguel de Ataide Malafaia Palma de Vilhena, Eduardo Caldeira Soares Mendes, Pedro de Varennes Monteiro de Mendonça e Manuel Cardoso de Matos Chaves.

A caridade

No Gremio Literario

A ilustre comissão organizadora do elegante «chá dançante» de caridade que na tarde de domingo se realiza nas magnificas salas do Gremio Literario previne que os bilhetes de entrada são exclusivamente por convites, que devem ser requisitados para casa da sr.ª D. Maud Pinto de Morais Sarmento Cohen, rua de Santa Marta, 165, ou pelo telefone N. 222, para onde tambem se faz a marcação de mezas, visto que á entrada não se venderão.

Concertos elegantes

No São Luis

Assistencia elegante ao recital de piano do celebre pianista Rubinstein, realisado ontem neste teatro:

Ministra de Cuba, Madame Fiscovitch, Princesa de Broglie, Condessa de Alferrarede, Condessa de Arge, Condessa de Clermon Tonnere, Condessa de Mafra, Condessa da Povoa, Condessa da Atalaia, D. Berta Ortigão Ramos, D. Eduarda Nunes de Carvalho e filha, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, D. Isabel Ortigão Ramos Jorge, D. Angela Carvajal Teles da Silva (Tarouca), D. Maria Teresa de Lima Mayer de Magalhães, D. Maria Luísa Diogo da Silva Teixeira, D. Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos, D. Maria Antonia Tedeschi Placido de Melo Breyner, D. Ana de Sousa e Holstein Bech Correia de Sá (Asseca), D. Teresa de Melo Breyner Pinto da Cunha, D. Maria Ferreira Lima Belo, D. Carmen Morales de los Rios de Castro, D. Maria da Conceição Tedeschi Placido de Torres Pereira, D. Maria Adelaide Santos Dias Correia da Silva, D. Irene de Gonta, D. Rosa Satrustigui de Padilla, D. Maria Alice Tedeschi Placido, D. Maria Carlota Correia de Sá (Asseca), D. Maria de Castro Nunes, D. Virginia Luisa Cardoso, etc.

O ilustre pianista toma parte, juntamente com a orquestra sinfonica, sob a regencia do brilhante maestro Pedro Blanch, no 10.º concerto de assinatura que no proximo domingo se realisa no São Luís.

Pontos de reunião

No S. Luis

Amanhã, em recita da moda, repete-se mais uma vez a lindissima partitura do maestro Pablo Luna «A Moça de Campanillas», opereta que ao S. Luis tem atraido todas as noites um publico selecto que se não cansa de aplaudir com verdadeiro entusiasmo os seus interpretes. A noite da moda de amanhã vai ser brilhantissima.

No Trindade

Elegantissima a noite de ontem neste teatro, onde mais uma vez se representou pela magnifica companhia de revistas e «feeries» Velasco, a maravilhosa «feerie» «La feria de las hermosas», peça de estreia em Lisboa e que se despede definitivamente no proximo domingo de tarde e á noite, visto que na segunda-feira em 2.ª recita de assinatura representar-se-ha a «feerie» «Las maravilhosas». Na assistencia ao espectaculo de ontem recorda-nos ter visto as senhoras:

D. Joana de Castelo Branco Mendes da Silva, D. Maria Carolina Correia de Sá Paes do Amaral (Anadia), D. Assunção de Melo Mendes da Silva, D. Maria Adelaide de Castro Pereira Balsemão, D. Aida Mourão Aires de Magalhães, D. Carolina Serzedelo, D. Hebe Neto e Pereira de Serzedelo Ferreira Ribeiro de Sousa Falcão, D. Helena Maria Gandan Duff Burnay, D. Helena de Azevedo, Madame Bruno do Carmo, D. Maria Isabel Seabra Ferreira Roquete Monteiro, D. Sofia Blech de Lancastre (Louzã), D. Filomena Borges Lamarão, D. Maria Amelia Vieira de Azevedo, D. Eduarda Maria de Sousa Pinto de Castro, Mesdemoiselles Sousa e Silva, etc., etc.

Em viagem

Hospede de seus pais, encontra-se em Lisboa, vindo da sua casa de Evora, o sr. João Augusto de Vasconcelos e Sá.

—De Alcanhão regressou a sr.ª D. Laura de Avelar e Silva.

—Partiu hoje para Coimbra, a fim de seguir as obras do Hotel Astoria, o sr. José Penha Solleiro.

—Para Pachico, partiu de S. Vicente da Madeira o sr. Antonio Joaquim Mendes Correia.

A economia e rapidez como meio de transporte

Deve-se

A' Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

Que foi a primeira a lançar

O Taxis "Citroen"

(DE PALHINHA)

Pedidos pelo **Teleph. N. 5528**

(SERVIÇO PERMANENTE)

Escriptorios e Garage: R. Almirante Barrozo, 21—LISBOA

Auto-Taxis RENAULT

FAXA AZUL

Tel. N. 2900-2909

OS PAINEIS DE SAO VICENTE

O professor José Saraiva

responde

a Reinaldo dos Santos

E' esbrazeante e furibundo o artigo publicado pelo sr. dr. Reinaldo dos Santos no «Diario de Lisboa», e que para mal do seu autor ha-de ficar celebre nesta contenda dos paineis.

Numa exaltação febril que faz pena, atira-se com unhas e dentes a tudo e a todos, no desespero impotente de quem não encontra argumentos para rebater um livro que, pelos modos, lhe fez tanto mal ao figado.

A' falta de melhor, vem repetir argumentos já derruídos e ainda não reabilitados pelos seus propugnadores, e papaguear outros que o sr. dr. José de Figueiredo apresentou na sua carta ao «Diario de Noticias», a que logo respondi.

Diz o sr. Reinaldo que o sr. dr. José de Figueiredo demonstrou ha mais de 15 anos as identificações essenciais logo aceites em Portugal e lá fóra.

Tal demonstração não se fez, porque as provas abonatorias não convencem ninguem. Foi aceite cá dentro? Foi. Mas não admira, porque o publico de então, muito mais que o de hoje, alheio ao assunto versado, aceitou, sem discussão nem estudo, o que afirmava um homem de autoridade como o sr. dr. José de Figueiredo. As pessoas que, pela sua cultura, podiam apreciar a materia, quasi todas ficaram sem a convicção de que se tratava de S. Vicente e de Nuno Gonçalves. E julgo até que foi o facto de não ter o sr. dr. José de Figueiredo apresentado prova suficiente do que dizia, e querer manter a todo o custo as suas afirmações contra as duvidas de muita gente boa, que lhe grangeou muitos dissabores e as inimizades a que se quere referir o sr. dr. Reinaldo dos Santos.

Mas as afirmações do sr. dr. José de Figueiredo tambem foram aceites lá fóra? Sem duvida. Mas então ha uma português de nome, especializado no assunto, que estuda uns quadros portugueses com os recursos que a erudição e as tradições portuguesas lhe facultam, e os de lá fóra, que estavam longe dos quadros, que geralmente desconhecem a nossa historia e as nossas tradições, esses é que haviam de vir contraditá-lo?

Trás o sr. dr. Reinaldo o argumento já velho do S. Vicente, de Junqueiro, o das tabuas do Museu de Barcelona, da Pietá da catedral de Sevilha e outro de Pollaiuolo di Ufizzi. Nenhum deles é português.

Os franceses e espanhois faziam, como no meu livro apontei, a propaganda e representação do martir de Agen, cujos atributos não são os do Padroeiro de Lisboa. E' por isso que em nenhum dos que o sr. dr. Reinaldo cita, aparecem os corvos nem a palma nem o navio.

Alega tambem o livro de horas de D. Duarte e «varios Flos Sanctorum portugueses citados pelo sr. dr. Jaime Cortesão na sua notavel conferencia».

Segundo o «Diario de Noticias» de cinco de Maio passado, o sr. dr. Jaime Cortesão falou apenas «num Flos Sanctorum português de 1513». Agora já são varios. Teria o livro feito criação?

O S. Vicente do livro de horas de D. Duarte, já o disse no meu livro, vem junto a uma «Oratio ad sanctium uincensium», e o do «Flos Sanctorum» de 1513, não o pude verificar, mas com toda a probabilidade vem junto á vida do Santo. Estavam, portanto, identificados, não precisando por isso de atributos.

Vem o sr. Reinaldo perfilhar a descoberta da palma nos paineis. O argumento agora é já ridiculo.

Afirma que numa das tabuas tem o Santo a corda aos pés como S. Vicente, de Junqueiro. Este ultimo não tem corda, mas sim um barbante, e este não está aos pés; pende-lhe de um dedo, e cai segundo uma linha que se vai afastando dos pés.

E' conveniente não confundir os pés com as mãos, sr. Reinaldo!

Falando do caixão e da reliquia, chama-lhes reliquias nacionais, dando a entender que tal significado já existia na mente de quem mandou pintar os paineis.

Mas nacionais porquê? E porque haviam de ser nacionais e preferidas para os paineis as que, segundo os sanvicentistas estavam em S. Vicente de Fóra e não as que estavam na Sé de Lisboa?

A respeito da reliquia diz:

«Se o sr. Saraiva me der licença — póde entrar! — eu não confundirei (a reliquia) com um bocado de tripa».

Mas quem iria dizer ao sr. Reinaldo que eu via na reliquia um bocado de tripa? Sempre ha gente muito malvada! Não, senhor! Enganaram-'o, sr. Reinaldo!

Quando eu me inclino a crer, baseado num passo da cronica do Infante Santo, que a reliquia é uma viscera, entendo cá na minha que será o coração do Infante, já deformado.

Essa viscera podia-se ocultar muito bem, por ser pequena. Por outro lado, era então considerada, como ainda hoje o é pelo nosso povo, o centro de todos os nossos sentimentos e afectos. Daí o ser facil trazê-la a Portugal antes das outras, e o ser preferida para a representação no painel.

Havendo naquele tempo tantos ossos de S. Vicente em Lisboa, se o artista houvesse de representar um deles, certamente escolheria uma fórma bem definida, e não um osso, cuja existencia é preciso adivinhar-se.

Para mostrar que o Santo dos paineis não póde ser o Infante D. Fernando, volta o «grande critico» a mastigar o argumento da dalmatica e do diaconato, depois de ter eu mostrado que varios santos se representam de dalmatica, podendo até essa veste ser usada por pessoas seculares.

Mas a novidade mais interessante e absolutamente inédita que nos trás o sr. dr. Reinaldo está no seguinte passo do seu artigo:

«Então a liturgia do seculo XV admitia «num altar» com uma aureola de Santo uma imagem que para a igreja não era a de um santo, por isso que o Infante não fôra canonizado?» O sublinhado é meu.

Com que então o Santo dos paineis está num altar? Muito me conta o sr. Reinaldo! Pois olhe que já é ter olho!

Ou será outro o sentido das suas palavras?

Se o «critico especialisado» quere dizer na sua que as tabuas é que estiveram num altar, o argumento não é mais feliz:

«Primo» — porque não está provado que os paineis tenham estado alguma vez no altar de S. Vicente ou em qualquer outro; antes tudo leva a crer o contrario.

Secundo — porque, se o argumento colhesse para o Infante D. Fernando, havia de colher «a fortiori» para as personagens que o rodeiam, algumas das quais estão de cabeça coberta.

Compreendo que se não descubrissem para homenagear o Infante, porque muitos fidalgos e certas categorias tinham o privilegio de entrar no Paço Real e apresentar-se diante do proprio monarca de cabeça coberta. Dentro de um templo, não o posso afirmar, mas custa-me a crer que pudessem entrar assim.

Se o sr. Reinaldo tivesse lido no meu livro a carta de Fr. João Alvares, não faria a pregunta que faz, porque ficaria logo convencido de que a Igreja consentia o culto sagrado do Infante dentro de um templo, apesar de não ter sido canonizado.

A proposito da data dos paineis afirma que «uma figura vestida á moda de 1460 não póde ter sido pintada em 1445»

Muito sabe de modas este senhor!

Que eu saiba, o estudo da indumentaria e da armaria ainda não avançou tanto que pudesse assentar conclusões em que alguem se possa confiadamente firmar para estabelecer uma data dentro de um limite tão restrito como pretende o sr. dr. Reinaldo dos Santos.

Para enfraquecer o valor que tem a semelhança dos dois retratos do Infante D. Henrique, o do painel e o da iluminura, saíu-se com esta: «as afinidades de composição dos dois vultos pódem traduzir apenas um prototipo anterior a ambas».

Está-se a ver onde quere chegar. A tese defendida pelos sanvicentistas precisa de que o retrato do Infante D. Henrique no painel seja póstumo, e para isso vá de levantar a hipotese fantastica de existir um retrato anterior donde pudessem ser copiados a iluminura e o retrato do painel.

A semelhança e quasi coincidencia de pormenores desses dois documentos é evidente; e se ambos derivassem de um tipo comum, tanto o autor dos paineis como o curioso da iluminura tinham sido igualmente e estranhamente servis. E' possivel admitir-se tal hipotese em relação ao homem de génio que pintou o poliptico da glorificação?

O sr. dr. Reinaldo do Santos, na segunda parte do seu artigo, arma em super-homem e pretende dar açoites á critica, a que chama «indigena», por ter acolhido o meu livro com simpatia. E confessa que assistiu a isso vexado! Pobre do sr. Reinaldo!

Com efeito, a critica deste senhor é muito melhor... para ele. Querem os leitores ver? Aí vai um bocadinho que vale quanto pesa:

«E' lamentavel que, não digo o sr. Saraiva — Obrigado, sr. Reinaldo! — mas a critica que o exaltou, ainda não percebesse em que se baseia hoje a identificação do pintor que mais gloria dá a Portugal.

«Mas o publico de boa fé compreenderá que os qudros de S. Vicente são, antes de mais nada, uma obra régia, não só pela sua importancia como pelas personagens representadas. São, pois, do pintor régio dessa época (1460-1465), e dum pintor de génio».

E pronto!

Não póde caber duvida de que os quadros são uma obra régia, e portanto, fica-se logo, implicitamente, conhecendo a data e o pintor!

Alto lá com o mestre!

Mas onde teria feito o sr. Reinaldo a sua «preparação especial» para esta critica de arromba?

Alcunha de alucinação de rabiscos o facto de ter eu lido a data na fotogravura da rubrica publicada pelo sr. dr. José de Figueiredo. Sobre este ponto já disse de minha justiça no «Diario de Noticias». Agora quero acrescentar que tenho razões para crer que o ilustre Director do M. N. A. A. não foi mais feliz na exactidão com que referiu o resultado da sua consulta ao sr. dr. Pedro de Azevedo, do que o fôra quando alegou Zurara e quando quiz revalidar a afirmação de D. Nicolau de S.ta Maria a respeito da reliquia de S. Vicente de Fóra.

O sr. Reinaldo, ainda sobre a autoria dos paineis, repisa o argumento exclusivista do sr. dr. José de Figueiredo, segundo o qual «Aguias como a que ele (Francisco de Holanda) põe em foco e a que os paineis revelam, não são possiveis aos pares em um mesmo país e na mesma época» (sr. dr. J. de Figueiredo, «Diario de Noticias» de 23 do corrente).

Fraco é o argumento, e ha de ser o mesmo Holanda quem mostre a sua inanidade.

Na «Tavoa dos famosos pintores modernos a que eles chamam aguias» ocupa o «pintor português» o n.º 21. Os lugares 1, 2, 3 e 4, para não apontar mais, pertencem, respectivamente, a Miguel Angelo (1475-1564), Leonardo de Vinci (1452-1519), Rafael de Urbino (1483-1520) e Ticiano (1477-1576), que são aguias, do mesmo país e da mesma época.

Admira que não reparassem nisso os criticos que trouxeram o argumento. E os mestres da «Adoração do Cordeiro», os irmãos Van Eick não fôram aguias tambem, e das que voaram bem alto?

Fiquemos por aqui.

Sr. dr. Reinaldo dos Santos, V. Ex.ª teria feito mais honrosa cavalgada se ficasse a tratar dos seus doentes em vez de vir á imprensa dizer enormidades. O desmando do seu artigo é deprimente para si e para a mentalidade portuguesa, pelo lugar que V. Ex.ª nela ocupa.

JOSE SARAIVA

Dr. Albino Pacheco
Regressado do Rio de Janeiro
CURAS PELA HORMOTERAPIA
REABRIU O SEU CONSULTÓRIO
Rua Nova do Almada, 80, 1.º
Da 1 ás 3 horas — Telef. Central 535
Residencia Telefone C.-2577

A Cidade

TEATRO MARIA VITORIA Tel. N 3644
DUAS SESSÕES ás 8 1/2 e 10 1/2
FOOT-BALL

Chá das cinco

A gaiola da vida

... E nunca mais a vi. Soube apenas, pelos jornais, que partira para a Suissa com o marido—pois «noivo» custa muito a chamar a um homem de cincoenta anos ..

E ha dias estive recordando, com uma pessoa amiga, a vida daquela rapariga cuja historia tem qualquer coisa de tragico e de pouco banal...

Quando ela passava, numa rua, numa praia, numa casa de chá, era — «a senhora». Todos os olhos a fitavam, apetitosamente, como labios ante frescas cerejas. E teve á sua roda, a perseguí-la, com galanteios, com olhares timidos, ou com audaciosas promessas, muitos dos nomes «bien» de Lisboa.

E afinal... E afinal nenhum obteve mais do que frescos sorrisos.

Porque ela — dizia-o constantemente — não era mulher que se prendesse.

—Nasci para a liberdade, para a vida. No dia em que me encerrassem, estoiraria a cabeça nas grades da gaiola...

* * *

Tinha razão a pobre. A vida encerrou a e ela estoirou a cabeça nas grades da gaiola...

Foi essa frase — essa frase que era uma decisão — que a levou ao suicidio. E só os que a ouviram compreenderam a sua morte. Os outros, ficaram espantados — ou não deram por ela...

Felix Correia

Bem fazer

Encontra-se na maior das miserias uma familia composta de avó, mãe e cinco filhos, o mais novo com quatro anos e o mais velho com desasseis.

Se não fôra a compaixão de alguem, que, por mal, não é rico, não teriam que comer nem que vestir, nem onde dormir.

Como, porém, esta protecção não se pode manter indefinidamente, apelamos para a caridade dos nossos leitores, a fim de que socorram tão infeliz familia. Recebem-se quaesquer donativos na administração do «Diario de Lisboa.»

Igreja de S. Mamede

Uma comissão de senhoras pede-nos que lhe publique mos um apelo para. em cumprimento de uma promessa, poderem comprar um resplendor do Senhor dos Passos e a corôa para Santa Filomena, da igreja de S. Mamede. devendo as esmolas ser entregues ao prior.

CAMBIO OFICIAL

	Comprador	Vendedor
Londres, cheque	—	95$00
Madrid	—	2$77
Paris	—	$74
Suiça	—	3$79
Bruxelas	—	$89
Nova-York	—	19$55
Amsterdam	—	7$86
Italia	—	$79
Brasil	—	2$95
Praga	—	$58,5
Suecia	—	5$25
Austria	—	2$76
Berlim	—	4$67
Libra esterlina	98$00	103$00

BOLSA

Preços efectuados a contado

Obrigações Externas, 1. serie	529$00
» » 1/2 0/0 1923	506$00
Acções do Banco de Portugal	—
» do Banco Lisboa & Açôres	585$00
» da Companhia de Seguros Sagres	—
» da Companhia Tabacos de Portugal	880$00
» da Companhia Port. de Fosforos	154$50
» das C.as Reun. Gaz e Electricidade	85$80
» da Companhia do Amboim	—
» da Companhia Colonial do Busi	—

Abajours e almofadas para sophá
Fazem-se de todos os feitios. Preços economicos. Vai a casa tratar.
Rua Castelinhos, n.º 2, 3.º

A VIAGEM HESPANHA-ARGENTINA

Partem

ámanhã

PARA PERNAMBUCO

os aviadores espanhoes

que contam gastar 18 horas

Segundo informações telegraficas da Praia, devem partir amanhã para a grande «étape» transatlantica da sua viagem aérea os aviadores espanhois.

Já tivemos ocasião de encarecer aqui as dificuldades do vôo directo Cabo Verde-Pernambuco, ou sejam 1.560 milhas sobre as ondas, que o comandante Franco conta cobrir em 18 horas de vôo.

O primeiro obstaculo que se lhe apresenta —e para o atenuar o «Plus Ultra» desembarcará na Praia o tenente de marinha Duran—é a descolagem com o peso de gazolina suficiente para atingir a costa do Brasil.

Mas admitindo, na melhor das hipoteses, que o aparelho vá para o ar com as suas dezoito horas de gazolina, os aviadores terão que contar com uma grande evaporação de combustivel na zona equatorial, o que lhes diminue em grande parte as probabilidades que tinham de chegar a Pernambuco.

Posta de lado a amaragem nos Penedos, por impraticavel, o «Plus Ultra» será obrigado a descer em Fernando Noronha, depois de ter percorrido 1:250 milhas, que devem demorar a cobrir aproximadamente 15 horas, á velocidade média de 85 milhas á hora.

RAMON FRANCO

RUIZ DE ALDA

Será já uma bela «étape» maritima, em que o comandante Franco e os seus companheiros afirmarão audacia e sciencia de navegação aerea, apesar das extraordinarias facilidades que o radiogoniometro lhes dá para a determinação do rumo.

E' interessante transcrever aqui a parte do relatorio de Sacadura Cabral que se refere á «étape» Praia-Penedos de S. Vicente:

«Faço duas corridas sem resultado; bastante ondulação e vento NNE muito fraco. Como já começa a ser tarde, desisto de saír e volto para dentro, mas parecendo-me que havia agora um pouco mais de vento, dou uma terceira corrida, já dentro do porto, e o hidro descola ás 5 h. e 55 m. Dou a volta antes de chegar á terra e meto a caminho. Vento fraco de NNE, ceu quasi limpo, mas tempo encinzeirado e horisontes curtos.

«A's 6 e 10 perde-se a terra de vista. Começo gastando gazolina dos tanques dos flutuadores e ás 8 horas, isto é, a duas horas da partida, vejo com surpreza que estão completamente exgotados, não me restando mais que 195 galões de gazolina nos tanques da fuzelagem, ou seja menos de 10 horas de vôo!

«O vento começa abrandando e isto preocupa-me porque me vejo muito escasso de combustivel. Troco impressões com o comandante Coutinho, examinando a nossa situação e encarando a hipotese de voltar para traz. Calculo que durante a noite, devido á elevada temperatura que faz, houve evaporação de gazolina e por essa razão e pelo facto de ter hidroplanado muito, teriamos descolado, quando muito, com 235 galões de gazolina, isto é, com menos de 12 horas de vôo, e, para conseguir percorrer nesse lapso de tempo as 918 milhas que separam Porto Praia dos Penedos, seria necessario marchar a 76 milhas á hora, velocidade que temos estado longe de conseguir porque o vento tem sido fraco. A situação não se apresenta agradavel, mas decidimos continuar para ver o que faz o vento.

«A's 9 h. e 10 m. avista-se um grande navio por bombordo e aproximo-me um pouco, para que nos vejam. O vento continúa abrandando e o consumo de gazolina mantém-se em, pelo menos, 20 galões por hora! Volto a discutir com o comandante Coutinho a nossa situação, que me parece bastante grave. Devemos estar a 690 milhas dos Penedos e não temos mais que 8 horas e meia de gazolina! Para chegarmos, precisariamos andar a 80 milhas á hora e estamos andando a 72! O logico, o prudente seria voltar para traz, mas a má impressão produzida, se assim fizessemos, certamente seria enorme!

«Confesso que, para mim, foi este vôo o bocado mais amargo da viagem aerea Lisboa-Rio, porque, durante nove horas e meia, vivi sempre na incerteza de ter ou não ter gazolina suficiente para chegar ao «terminus». Se assim acontecesse e tivessemos de poisar no mar, longe dos Penedos, aqueles que não nos conhecessem suporiam sempre que tinhamos partido com gazolina mais que suficiente, mas que, tendo-nos perdido, tinhamos terminado por poisar, ao acaso, em qualquer ponto do Oceano, e assim ficaria por demonstrar aquilo que pretendiamos provar, isto é, que a navegação aerea é susceptivel da mesma precisão que a navegação maritima.

«Depois de muita hesitação e de muita discussão, que é demorada porque só por escrito podiamos comunicar as nossas impressões, decidimos continuar. Desde que partiramos de Lisboa tinhamos metido a vida em despesa e nestas condições melhor era ir até onde a gazolina desse!»

PELO TEATRO

A

ABERTURA

do Nacional

e o que nos diz

Augusto Gomes

Com a primeira representação da comedia «Mademoiselle Demonio» reabre amanhã as suas portas o teatro Nacional, para inicio da temporada transitoria autorizada pelo governo, a requerimento de varios societarios, e sob a gerencia do conhecido e estimado emprezario Augusto Gomes, representante dos capitalistas que aceitaram o financiamento desta exploração. Como convinha, para elucidação dos nossos leitores, fomos ouvi-lo ácerca do seu plano e do seu programa. Augusto Gomes disse ao «Diario de Lisboa» o seguinte:

—E' nosso intento fazer representar peças dignas da tradição e do nome dêste teatro, sem contudo nos afastarmos muito das explorações realizadas durante as ultimas epocas de verão. Para o Carnaval, é nosso desejo fazer representar tres peças: a que se estreia amanhã e que já foi escolhida em harmonia com esta quadra do ano; uma outra, do mesmo genero, e a «reprise» duma terceira, ainda ha pouco saída do cartaz, com grande sucesso. A seguir, faremos representar uma alta comedia, para o que estamos em combinações com uma das maiores figuras femininas do teatro declamado e que contamos que venha ingressar no nosso elenco. E' bom acentuar que, de comêço, estivemos em negociações com outra alta figura masculina, com a qual, porém, não conseguimos chegar a um acôrdo. Não obstante, ainda não desistimos de conseguir um «elenco», por ventura mais completo e digno dêste teatro.

—E depois desta exploração com esse caracter provisorio?

—Contamos fazer no proximo mez de abril uma «tournée» pelas principais cidades do país, defendendo deste modo a nossa epoca porque—deixe-me dizer-lhe—vim para aqui e o meu socio mais por dedicação pelo teatro, a que nos ligam velhas amizades, do que com o intuito de auferir lucros, que não julgo muito provaveis. Esperamos, no entanto, que o publico não deixará de compreender os nossos intuitos e auxiliar o nosso esforço. Sobre os artistas que nos rodeiam temos neles a maior confiança e a quasi certeza de que se encontram cheios de boa vontade, propondo-se dar-nos com o seu talento e a sua competencia todos os motivos de não nos arrependermos desta iniciativa, que, repito, não obedece a nenhum criterio mercantil, mas apenas ao desejo de manter abertas, dignamente, as portas do nosso primeiro teatro de declamação. Por ultimo resta-me dizer-lhe que ainda contamos pôr em scena uma peça original, tudo dependendo da forma como decorrer a exploração e do tempo que tivermos para a realisação do nosso programa.

PARA OS POBRES

Uma comissão de «aficionados» e de velhos amigos de Manuel Casimiro, comemorando o aniversario da sua morte, entregou-nos 25$00 para os nossos pobres.

Santa Terezinha do Menino Jesus
Quere assistir á sua Canonisação?
Ainda está a tempo!
Lêr o Livro
«Portugueses em Roma» de Norberto de Araujo
Pedidos ás livrarias e ao «DIARIO DE LISBOA»
Preço *10$00*—Pelo correio, mais 1$00

TEATRO SÃO LUIZ TELEF. C-224
HOJE
A Moça de Campanilhas

A Cidade

TIVOLI TELEF. N. 5474
HOJE, ás 8-45
Basta de mulheres!
A opinião publica
Uma revista de actualidades
Charlot autor e enscenador

OS "IMORTAES,,

A ACADEMIA das Sciencias e a discussão sobre os paineis

Diz-se que a questão dos paineis do Museu de Arte Antiga vai ser tratada no Parlamento. Então é que fica estragada a pintura.

Enquanto não chega ao Parlamento, chegou á Academia. E aí é que está muito bem.

Ontem o sr. dr. Antonio Baião, na Casa do Arco a Jesus, fez uma comunicação sobre a data dos paineis.

E o autorisado academico chega a esta conclusão: nem tem razão o sr. José de Figueiredo nem o sr. José Saraiva. A data é 1435, isto é: ainda mais 10 anos atraz do que o fixa aquele ultimo tratadista, e 20 anos antes da data fixada pelo director do Museu de Arte Antiga.

Mas, inteligentemente, o sr. dr. Antonio Baião não quebrou lanças pela revelação, e antes a dá como sua conjectura, aliás fundamentando-a.

O sr. dr. José de Figueiredo, em resposta, disse que a respeito das datas serão tantas as opiniões quantos os leitores dos caracteres das tabuas.

—De resto, se a data fixada pelo sr. Baião fôsse a exacta, nós seriamos um paiz maravilhoso, precursores, em tudo, artes, modas, armaria, etc.

Outra frase do autor dos «Paineis de Nuno Gonçalves»:

—Um assunto de historia e de arte tem de ser visto conexamente, sem o que não póde fazer-se um estudo serio. E para o demonstrar diz que bastava saber-se o que é a tecnica da pintura antiga e em especial a de Nuno Gonçalves, para se não poder pensar nunca na hipotese da figura central ser a do Infante Santo, pois essa figura é a unica que não parece ser, nem é, um retrato.

Sustentou a sua opinião da figura ser S. Vicente, como está identificada, com larga copia de fundamentos.

Sobre o sr. dr. José Saraiva disse:

—Se o ilustre professor conhecesse tecnica de pintura antiga, e tivesse um criterio e um conhecimento indispensavel de arte em geral não cairia no erro grosseiro em que caiu identificando personagens como o Infante D. Pedro e o rei D. Afonso V.

O sr. Matos Sequeira tambem tomou parte na elevada controversia, pronunciando poucas mas sensatas palavras.

O distintissimo escritor, segundo informações que possuimos, teria declarado particularmente (o que damos sobre reserva, porque isto de politica de arte é mais melindroso do que a politica do Terreiro do Paço), que não vê motivos para aceitar a opinião do sr. dr. José de Figueiredo, de que a figura é S. Vicente, mas que deixa de perfilhar tambem a sua anterior opinião de que é o Infante Santo.

Escrito isto—esperemos pelo assunto em S. Bento. Veremos como vão degladiar-se os agrupamentos politicos. A opinião do sr. Antonio Maria da Silva já nós conhecemos:

—Sobre os paineis, penso que o Parlamento, o que tem a fazer, é discutir e aprovar com grande escrupulo e elevação o orçamento geral do Estado.

Um choque de comboios

Esta manhã, um comboio de passageiros para Setubal, chocou violentamente entre as estações do Lavradio e Alhos Vedros, com um comboio de mercadorias, ficando ligeiramente feridos três passageiros.

Os estragos, tanto no material circulante como no fixo são importantes, tendo a linha sido substituida.

RENDAS DE PENICHE
Quem vende mais barato e tem melhor sortido é a «Casa Arte e Ménage».
ALECRIM, 71, 1.º

A CIDADE DE LISBOA MODERNISA-SE

A tipoia acabará DENTRO EM POUCO para ceder o seu logar ao "taxi,, veloz e elegante

A civilisação destroi a tradição. O que é bom e o que é mau. E o que é inutil, que muitas vezes é lindo e contenta os olhos, como uma saudade que se extingue no coração duma rosa. Lisboa, que foi durante muito, antiga, velha, caracteristica, apegada ás suas manias—desarticula-se, anima-se, transforma-se, tumultua de novos ruidos.

A's ruas da Baixa, á hora em que a noite começa, incendiando de luz as montras, arrastando a multidão pelas arterias, complicando o transito—falam já de outra maneira, escutam mais distraídas. O ruido tem uma musica vibrante, entontecedora de buzinas, de klaksons — sinfonisando álertas no transeunte, cumprimentos rapidos aos electricos que seguem, sinalando, avançando, correndo.

Lisboa taximetrisou-se—como dizia um caricaturista. Por vezes, laivos de «boulevard», com a circulação congestionada. Os automoveis passam em bicha, deslisam no asfalto cimentado, em três e quatro paralelos.

Boa razão e melhor visão tinha Pombal, quando, sobre as ruinas do terramoto, cortou á larga as ruas—pano para muitas mangas, isto é, espaço para muitos carros.

A cidade, como o homem, tem a paixão da novidade. Taxis não faltam—mas qualquer dia ha um para cada habitante. Nesse dia será notado e considerado como milionario aquele que andar a pé. No meio de todos estes trajectos rapidos, destas curvas apertadas, destas velocidades dramaticas de vertigem—o trem vadio, o «coupé» de luxo, a tipoia boemia, a sege de entêrro, cada um com a sua pragmatica, com a sua linhagem tradicional, com o seu motivo de beleza, com a sua recordação—desaparecem, ou quedam, abandonados, velhos, desconjuntados, nas glorietas que outrora assistiam ás batidas pomposas e solenes.

Uma companhia de carruagens—vai leiloar o material. Outra aceita propostas para a compra de veiculos. «Tout passe, tout casse, tout lasse». Assim é. Os automoveis fizeram nos mais novos. Baralharam o silencio das grandes noites imoveis de Lisboa. Já não se pode pensar, nem escrever. Viver apenas, a tantos cavalos á hora, diminuindo o que não nos falta consumir na existencia.

* * *

O «trem» tem uma psicologia diferente do automovel. O trem ronceiro, pezado, paciente, dizia dos nossos costumes, do nosso comercio, da nossa politica. Devagarinho, a passo.

O automovel, bolide de velocidades, diz-nos a vida como uma pelicula cinematografica. Dantes—a contemplação era permitida. A tipoia, quando chegava aos arrabaldes—parava. Os cavalos relinchavam. «José Campainhas» avinagrava com aguardente a garganta; fumava «duque» picado, e conversava. Hoje não. O «chauffeur», que tem um temperamento motorista, sempre de arrancadas, não permite cinco minutos de beleza comovida ante uma casa abandonada, num caminho velho, com um muro em ruinas e duas rosas debruçadas.

A paisagem fica e nós passamos. Não vai comnosco. Agita-se. Estremece. E' um instantaneo. Um jacto de luz. Um jacto de verdura. Quando se vai longe, nunca se volta para traz—já não é possivel. Não ha estradas—nem tempo. Como recordar assim o que se vive e o que se viveu? Entre o «coupé» antigo, brazonado, com cocheiro de libré e moço de taboa, e o automovel pequenino, veloz, gritante, inteligencia de aço e musculos de cautchou—um que deixou de andar e outro que anda, ha três diferenças: chegar a tempo, chegar mais tarde, ou não chegar nunca.

Não chegar nunca, ainda é o melhor. Os regressos cansam.

AMANHA estreia-se o «Pom-Pom»

O Foz, que abriu auspiciosamente a sua temporada de revista, com o «Pirolito»—que deu mais de 100 representações — vai certamente continuar a registar enchentes com a revista «Pom-Pom» que amanhã sobe á scena.

O «compère» do «Pom-Pom» é feito por Augusto Costa (Costinha), estando os principais papeis entregues a Maria de Lourdes Cabral, Zulmira Miranda, Dora Vieira, Amelia Figueirôa e Milly Portela.

Musicas de Cruz e Sousa

O inspirado e conhecido compositor sr. Cruz e Sousa acaba de publicar deis lindos «fox trots»—«Perola do Mar» e «Bonecos»—que devem, certamente, obter um grande sucesso.

HOMEM que cai dum comboio á linha

Esta manhã, entre os apeadeiros de Sete Rios e Larangeiras, caíu á linha, do comboio 126, vindo de Badajoz e que chega a Lisboa ás 6.30, um passageiro cuja identidade se ignora.

Conduzido, no mesmo comboio, para o hospital do Rêgo, deu ali entrada, em estado grave.

Faculdade de Direito

A Associação Academica da Faculdade de Direito promoveámanhã, uma festa ao seu grupo de «foot ball», vencecor do campeonato escolar na epoca passada. Esta festa será seguida de um brilhante baile para o qual se reservam desde já bilhetes na sede desta associação, ao Campo de Santana, todos os dias das 14 ás 16 horas.

CLUB DOS PATOS
Realisa-se hoje a grande
FESTA ESPANHOLA
Brilhantes ornamentações
DESLUMBRANTES EFEITOS DE LUZ
BREVEMENTE REABERTURA DO
Salon des Perroquets
Extraordinarios numeros de sensação

Pelos teatros

Maria Caballé

A primeira «tiple» Maria Caballé, da Companhia Velasco, é uma artista de primeira grandeza que brilharia em qualquer grupo e em qualquer genero de teatro. Porque a Caballé, além de cantar

MARIA CABALLE

maravilhosamente, é uma comediante notavel que sabe dar a cada numero a alegria ou a dor que ele requere, duma forma que fascina o publico.

Na «Feria de las Hermosas» tem Maria Caballé diversas criações, que são outros tantos triunfos. Mas onde o seu talento de actriz sobe mais alto é na «Nostalgia del Tango», um impressionante quadro de «cabaret» em que, dizendo, cantando e bailando, se revela uma grande artista—é uma artista completa.

No Foz

Hoje não ha espectaculo no teatro Salão Foz, por ter que se proceder á montagem da revista «Pom-Pom», de Pedro Bandeira e Alvaro Leal, com musica Angel Gomez e Raul Ferrão, que amanhã sobe á scena, com guarda-roupa de Castelo Branco, scenarios de Rogerio Machado, Renda, Serra e Amancio e bailados do professor Mayerbofer.

Atrás do repostéiro

Amelia Rey Colaço fará a sua festa artistica no Teatro Politeama com a peça «Salomé», de Oscar Wilde.

—Foram contratados para o Teatro Nacional os artistas: Izilda de Vasconcelos, Beatriz Belmar e Valerio de Rajanto.

—No Teatro S. João, do Porto, continua a Companhia Lucilia Simões-Erico Braga a levar á scena a peça «O principe João». Em ensaios está a comedia «O homem das cinco horas», de Hennequin e Weber, que Alvaro de Andrade traduziu e que deve subir á scena em 4.ª recita de assinatura, logo a seguir á epoca de Carnaval.

—Ficou adiada para o dia 28 de fevereiro a recita de homenagem dedicada á actriz Adelina Abranches, que se realiza com a primeira de «Sansão», de Bernstein.

—A peça «Sainte Joanne», de Bernard Shaw, que no Theatre des Arts foi criada pela grande artista Pitoeff, vai ser interpretada entre nós, na proxima época teatral, pela actriz Amelia Rey Colaço.

—Volta amanhã á scena, no teatro Apolo, a peça «A Taberna», efectuando-se no dia 4 de fevereiro a récita da actriz Maria Isabel, com a representação do «Saltimbanco».

—Chaby Pinheiro, actualmente na Figueira da Foz, estreia-se no dia 31, no teatro Maria Pia, em Leiria.

—Estreia-se hoje, no teatro de Castelo Branco, com a comedia «A Viuva Gomes», a Companhia Portuguesa de Comedia, que dali segue para a Guarda.

—A peça «Não te melindres, Beatriz», que hoje sobe á scena no teatro Politeama, tem a seguinte distribuição:

«Beatriz», Amelia Rey Colaço; «Mafalda», Teresa Taveira; «Guidá», Constança Navarro; «Gina», Maria Cristina; «Mimi», Maria Sacras; «Xavier», Gastão Alves da Cunha; «Mario», Raul de Carvalho; «D. Basilio», Alfredo Silva; «Mister Pearson», Teodoro Santos; «D. Luis», Manuel Bessa; «D. Rómão», Luis Leitão, e «Rola», João de Almeida.

—Parte no dia 7, para a provincia, em «tournée» artistica, a companhia «Gil Vicente», composta dos seguintes elementos: Raquel Pais Condessa, Agripino Oliveira, Maria Vasconcelos, João Amaral, Erminia Silva, Artur Cunha, Pais Condessa e o maestro compositor A. Julio Machado.

—Volta hoje á scena no teatro S. Luis a opereta «A moça de companilhas».

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049

Nova epoca extraordinaria

SABADO, 30 de Janeiro, 1.ª representação da comédia em 3 actos, de Lepiva

MADEMOISELLE DEMONIO

Politeama Emp. Luis Pereira — Telef. 3028 N.

COMP. REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO

HOJE

1.ª representação da comédia

Não te melindres, Beatriz

EDEN TEATRO Telef. N. 3800

HOJE—2 Sessões—A's 8,30 e 10,45

Ultimas representações da revista

FUNGAGÁ

Brevemente a fantasia burlesca

AS ONZE MIL VIRGENS

Sortes grandes?

só o **PINA** as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

ANUNCIO

Sindicancia

Estando aberta por espaço de 10 dias, a contar de hoje e a terminar em 7 de fevereiro proximo, sindicancia aos actos do Vogal do Conselho da Administração da Caixa Geral de Depositos, bacharel Amancio d'Alpoim, convido por este meio todas as pessoas que possam, ou queiram, prestar quaisquer esclarecimentos respeitantes a esta sindicancia, a comparecerem no Edificio da Caixa Geral de Depositos e Gabinete do Sindicante, em todos os dias uteis, das 12 ás 18 horas.

Lisboa e Edificio da Caixa Geral de Depositos, 28 de Janeiro de 1926.

O Juiz Sindicante

Heitor Martins

Mobilias alemtejanas

Põem-se como novas

Tambem se fazem as mesmas

Postal ao pintor de Evora

NOGUEIRA BICHO

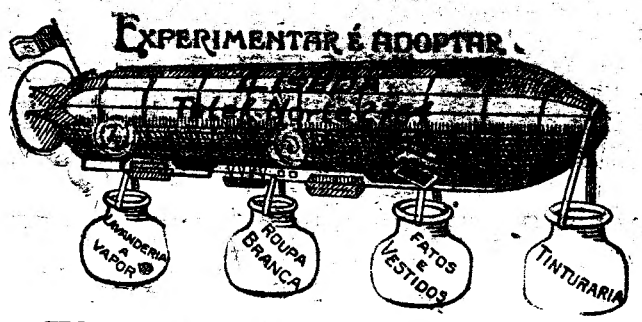
Beco da Galhata, 28, 2.º—Lisboa

MAPLES POR CONTA DO FABRICANTE

Lindos modelos

SOUSA E BRITO—182, RUA DA ROSA, 190

CARNAVAL



TINTURARIA A VAPOR

ENTREGAS RAPIDAS

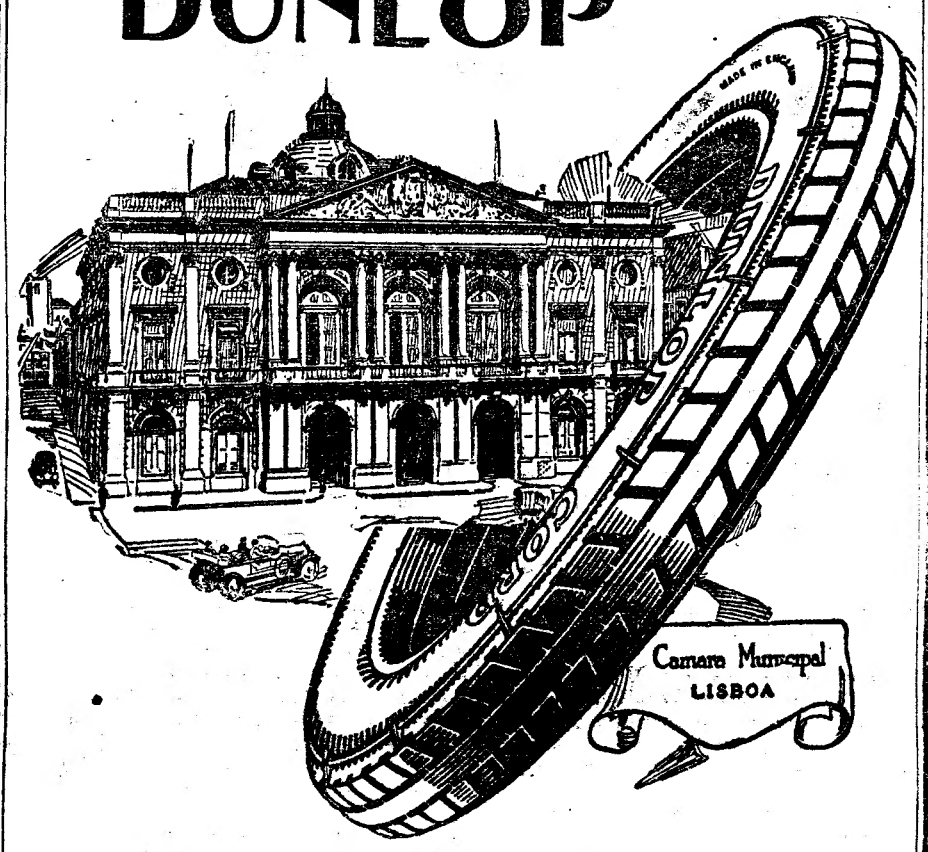
LAVANDERIA DE ROUPA BRANCA

Rua Marquez Sá da Bandeira, 61—(ao Campo Pequeno)

Sucursaes: Praça Restauradores, 26 / Rua do Arco a S. Mamede, 4

CARNAVAL

DUNLOP



30 **MOBILIAS** **32**

A PREÇOS SEM COMPETENCIA

4 MOBILIAS 4 — 5.700$00 — QUARTOS PARA CASAL DESDE 2.100$00

3 MOBILIAS 3 — 3.600$000 — CASAS DE JANTAR DESDE 1.400$00

Lindas mobilias em estilo inglez

Moveis desirmanados

Não comprem sem consultar os nossos preços

ALMEIDA & RODRIGUES

30—RUA DO NORTE—32 (Ao Camões)

30 **32**

TEATRO AVENIDA TELEF. N. 4356

COMPANHIA SATANELA-AMARANTE

Todas as noites, ás 21-15

O Pão de Ló

TEATRO APOLO TELEFONE N. 4129

Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha

HOJE ás 21-15 HOJE

AS DUAS CAUSAS

Brevemente recita de Adelinha Abranches

Samsão

Sabado, 30: — A TABERNA

TEATRO DO GYMNASIO

Peça de gargalhada

A Tia Andreza

com Gil Ferreira e Alegrim

Domingo: 8.º concerto Fão, com a notabilissima pianista polaca Carolina Pecznenik

Mobilias

Grande redução de preços

Casa de jantar, nogueira encerada desde

1.350$00

Quartos de cama, nogueira encerada, desde

2.000$00

Casas de jantar, estilo inglês, desde

2.300$00

Mobilias de sala, estofada a veludo, desde

650$00

Guarda vestidos, nogueira encerada, desde

950$00

Guarda-vestidos, mogno polido, desde

1.100$00

Escritorios, estilo inglês, desde

1,100$00

Grande variedade de moveis avulso, a preços muito resumidos

Secção especial de moveis antigos

ARMAZENS BARROCA

35, R. Atalaia, 43 — Telefone C. 3095

RHODINE

O melhor remedio contra

GRIPES, NEVRALGIAS

ENXAQUECAS

DÔRES de CABEÇA

DÔRES de DENTES

INSOMNIAS

Exijam a Marca "RHODINE"

garantia de pureza e eficacia.

229-6

MOBILIAS Esmerada fabricação

SOUSA E BRITO

182, Rua da Rosa, 190

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

LISBOA — RUA DO OURO. 18. 24

PORTO — PRAÇA DA LIBERDADE. 28. 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionais e estrangeiros

CONFORTAVEIS

GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE

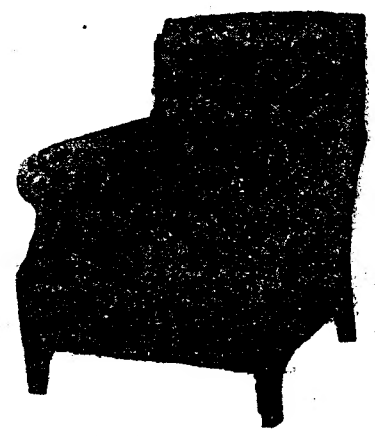
CARPETES

A PREÇOS BARATISSIMOS

JOSÉ OLAIO & C.ª (FILHO)

RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio todo)

TEL. C. 3082



POLICLINICA DA ESTRELA
R. Domingos Sequeira, J, N, rez-do-chão
DR. DRUMMOND BORGES
Doenças dos Pulmões e do Coração
Clinica Medica
CONSELTAS ÁS 16 HORAS

ESTRANGEIRO

F. Martins Pereira
CLINICA MEDICA
Coração e pulmões, ás terças,
::: quintas e sabados ás 5 h. :::
Largo do Intendente, 18, 1.º — Tel. N. 1296

FRANÇA

VÃO

FAZER-SE

convenções internacionais

para reprimir

a falsificação da moeda

PARIS, 28

A agencia Havas acaba de saber que Briand e Chamberlain conversaram particularmente sobre o desarmamento da Alemanha, entendendo-se que o «Reich» deve executar inteiramente todas as obrigações respeitantes ao desarmamento; os aliados reconhecerão então a boa vontade da Alemanha, e reduzirão de boa vontade os efectivos de ocupação na Rhenania, que, sendo actualmente de 75.000 homens, poderiam ser reduzidos a 60.000, sem afectar a segurança das tropas.

Os dois ministros entenderam que a entrada da Alemanha na S. D. N. e a sua representação no Conselho, levarão certamente a Polonia a reivindicar um logar permanente no Conselho.

A França apoiará esta reivindicação justificada, não parecendo que a Inglaterra lhe faça uma oposição irredutivel.

Os dois ministros evocaram ainda a falsificação na Hungria das notas do Banco de França, e foram unanimes sobre a oportunidade de propor á S. D. N. o estabelecimento de convenções internacionais reprimindo mais severamente a fabricação de moeda falsa. —(H.)

Um banquete

ao ministro Chamberlain

PARIS, 29

O banquete ontem oferecido a Chamberlain, ministro dos Negocios Estrangeiros da Grã-Bretanha, pela Sociedade dos Amigos da França, transformou se numa manifestação de amizade anglo-francesa.

O sr. Chamberlain declarou que a amizade entre os dois paises constituiu a base em que assenta a construção de uma nova Europa, que não é dirigida contra quaisquer nações e cuja importancia a Alemanha reconheceu em Locarno.

Depois do banquete o ministro dos Estrangeiros da Inglaterra recebeu o embaixador da Espanha e Sir Eric Drumond, jantando na embaixada espanhola.

O sr. Chamberlain partiu ás 10 da manhã de hoje para Londres.—(L)

No dia 31

termina a evacuação da Colonia

PARIS. 29

A conferencia dos embaixadores notificou ao embaixador da Alemanha que a evacuação da zona de Colonia deve estar concluida no dia 31 do corrente, á meia noite.—(H.)

A ALEMANHA

Luther

pronunciou

um importante discurso

de apresentação do governo

Escrevem-nos de Berlim, em 26:

O governo tomou hoje contacto com o Parlamento. As tribunas do Reichstag estão cheias, vendo-se nas galerias especiais numerosos diplomatas.

O chanceler subiu á tribuna. Descreve as «démarches» feitas no sentido da constituição de um ministerio de grande coligação. Depois do fracasso destas «démarches», e a pedido do presidente do Imperio, o chefe do gabinete demissionario consentiu em formar o novo governo, com a colaboração dos partidos centrista, democrata, populista alemão e populista bavaro:

—«O governo que vos apresento é um governo de minoria que não pode contar apenas com a colaboração dos partidos governamentais, reclamando o apoio de todos os partidos constituidos. A orientação politica do governo está estabelecida pelo acordo de Locarno, assinado em Londres no dia 1 de Dezembro ultimo, e pelo discurso que eu pronunciei no Reichstag, em 23 de Novembro.

«A decisão mais importante que o governo terá que tomar é a da entrada da Alemanha na Sociedade das Nações.

«O governo a que sucedo trabalhou sem descanso na realização dos resultados do acordo de Locarno, principalmente no que se referem ás regiões rhenanas. A proxima discussão do orçamento do ministerio dos Negocios Estrangeiros permitirá sobre estes assuntos, mais profundos debates.

«Não falarei hoje senão da questão dos efectivos das tropas de ocupação. A Alta Assembleia sabe, por intermedio da Conferencia dos Embaixadores, que os efectivos das tropas de ocupação deverão ser reduzidos e aproximados das cifras normais. A unica interpretação possivel da expressão «cifras normais» é que os efectivos actuais devem passar ás cifras dos efectivos alemães do tempo de paz. As publicações oficiais alemãs que sublinharam esta interpretação não foram rebatidas por nenhuma das potencias representadas na Conferencia dos Embaixadores.

«O governo do Reich espera que as negociações, que estão sendo feitas, o satisfarão».

* * *

O chanceler passou, em seguida, a analisar a politica interior. No que diz respeito á questão da indemnisação das antigas casas reinantes alemãs, considera que ela deve ser regulada por uma lei geral, aplicavel a todos os Estados confederados. O governo queria, neste ponto, poupar a Nação á vergonha dum «referendum».

A situação interior é, para Luther, caracterisada, sobretudo, pela crise economica, cuja solução é um dos primeiros deveres do governo, que fará o possivel no terreno social e no terreno financeiro e economico.

—E' necessario firmar o mercado interior e aumentar as exportações. E' este o fim das negociações que se estão fazendo, para a conclusão de tratados de comercio. Em muitos mercados estrangeiros, os produtos alemães são tratados duma maneira menos favoravel que os mesmos produtos doutros paises. Nas negociações em curso, os nossos direitos alfandegarios elevados são um meio de modificar os direitos alfandegarios europeus.

LONDRES

NÃO

SE DEVE

esquecer nunca o passado

da Alemanha

diz o jornalista Craxse

LONDRES, 29.

Graxse, chefe de redacção da «National Review», declarou numa conferencia que se os ingleses mantiverem a sua atitude de esquecer o passado da Alemanha não poderão contar com aliado algum na proxima guerra.

O orador recordou que os representantes alemães na assinatura do Tratado de Locarno, embora sinceros, não representaram a opinião publica, e terminou por criticar a entrada da Alemanha na Sociedade das Nações, a quem atribue o desejo de obter as suas antigas colonias.

Craxse preconisou o estreitamento e a consolidação da amisade da Inglaterra pela França e pelos restantes aliados, a fim de encorajar o seu comercio, de preferencia a procurar fomenta-lo com as suas proprias colonias e dominios.—(L.)

Um acôrdo

com uma companhia de aeroplanos

LONDRES, 29.

Segundo o redactor aeronautico do «Daily Express», o ministro da viação assinou um acôrdo com uma companhia de navegação aeria para permitir á aviação militar possuir a maior reserva de aparelhos de bombardeamento e transporte do mundo.

Seriam concedidos premios segundo um minimo de quilometros de vôo por ano e por aparelho. A força motriz minima dos aparelhos deveria ser de 450 cavalos.—(H)

CONSERVAS INDIANAS
Chegou nova remessa
Grande Armazem de Viveres
Tavares da Silva, L.ª—antiga casa José Affonso Vianna & C.ª
DEPOSITARIOS
33, Praça Luiz de Camões, 35—Tel. Central 433

TODA A ELITE Usa carteiras e malas da casa **Bastos Silva, Lda. Rua de S. Nicolau, 81**

PORTUGALISE OS SEUS PÉS
usando o solido e elegante calçado PORTUGAL.
DEPOSITOS actuais para venda ao publico
Rossio, 122 R. da Palma, 128 R. da Betesga, 32

SAPATARIA CONTENTE, LTD.ª
CALÇADOS CHICS
ULTIMOS MODELOS
Rua do Carmo, 74 Telf. 5359 N.

Garage Monumental
A maior do País
Recolha de carros a Esc. 60$00 e bonus no consumo
a partir de 1 de Fevereiro
Avenida Alvares Cabral (ao Rato) — Telefone N. 4949

Miss Henderson
Professora de nacionalidade inglesa. Dá lições em sua casa e fora.
T. do Alecrim, 3, 3.º

Dr. Medeiros d'Almeida
Cirurgião dos hospitais
Doenças dos olhos — Cirurgia
Consultorios: Av. Liberdade 121 1.º-ás 3 h.-Telef. 908 N
Policlinica: L. Conde Barão, 12, 2.º-ás 5 h.-Tele 1902-C

TEATRO SÃO LUIZ
Empresa A. Ramos Lt.ª
CONCERTOS BLANCH
Domingo, 31—A's 3 horas da tarde
10. concerto de assinatura
pela
Orquestra Sinfonica Portuguesa
dirigida pelo maestro **PEDRO BLANCH**
Despedida do celebre pianista
RUBINSTEIN
que executa com orchestra o Concerto em si bemol maior de Brahms e o Concerto em sol menor de Saint Saens. Pela orchestra a 2.ª audição da «suite» da opera-ballet Mlada, de Rimsky-Korsakoff e a ouverture do Guarany, de C. Gomes.—Bilhetes á venda.

Para o bom halito da boca
use a pasta dentifrica
PEBECO

UMA OBRA DE ARTE

SALOME
de Oscar Wilde

E' a todos os titulos sensacional a estreia desta noite no Cinema Condes que continua a manter a sua antiga supremacia sobre os salões de grande categoria do país. Trata-se de uma nova adaptação da tragedia poetica de Oscar Wilde «Salomé», uma joia incontestada da literatura mundial que foi levada ao «film» com uma fantasia e uma estilisação verdadeiramente requintadas. A enscenação da grandiosa obra, foi confiada a Charles Bryant, o grande artista yankee que se rodeou dos melhores elementos, encarregando da decoração e dos desenhos para os sumptuosos factos a genial e originalissima pintora russa Natacha Rambova, escolhendo interpretes maximos na arte do silencio, Mitchell Lewis, Rose Dione, Nigel de Brulier e na protagonista a excelsa e divina slava ALLA NAZIMOVA que conseguiu uma criação a todos os titulos notavel de encanto, ineditismo e perverso exotismo refinado. Vai ser um grande exito de arte.

Dinheiro
SOBRE joias, pratas, antiguidades, automoveis e tudo mais que ofereça garantia, seja qual fôr a sua importancia, empresta: **A Comercial,** a juro mais barato.
18, T. da Trindade, 22
(ao Chiado) Telef.: 3962-C.

CALÇADO PARA «SPORT»
Bolas para Foot-ball, etc.
SAPATARIA DO CALHARIZ
E' quem vende mais barato
33, Largo do Calhariz, 33

ATELIER DE CHAPEUS DE SENHORA
chics, bem gerito e onde se não pagam luxos, só na
MANON
Rua João Crisostomo, 115, 1.
Telef. N. 5551
A. NEVES

ULTIMAS NOTICIAS

Colchas de tule e filé
225$00
Colchas em setim com lindas pinturas
Marques & Gallos, Lda.
RUA DO MUNDO, 75
Telefone 310 C.

OS MORTOS

Faleceu

esta manhã

o jornalista

Luiz de Judicibus

vitimado

por uma doença do coração

Este Luís Judicibus, que hoje morreu de afecção cardiaca — 70 anos — foi em Lisboa, durante muito tempo, uma criatura discutida, uma pessoa violenta, odiada por muitos, lida por todos, simpatica talvez para alguns, de um jornalismo de polemica, ataque duro e deselegante, mas pertinaz, contundente.

Foi no «Seculo» antigo o seu campo de acção. Hoje, ao saberem a noticia da sua morte, muitas pessoas hão-de dizer:

—Olha! Lá foi o Judicibus!

E será um rosario de evocações. A morte de um homem, muitas vezes, dá vida a acontecimentos mortos. A memoria renova-se.

Ha-de lembrar-se a sua campanha dos Tabacos — uma das mais asperas e lidas de toda a imprensa portuguesa de todos os tempos. E depois, a proposito da perseguição a um seu filho:

—Justiça! Justiça para o meu filho José!

Sim. Não seria simpatico. Mas defendia causas que agradavam a uma parcela da massa popular. Lia-se; devorava-se.

Luís Judicibus era filho de um homem do mesmo apelido, que viera para Portugal, com uma historia qualquer sobre o seu nome. Seu irmão foi aquele grande homem de teatro que se chamou Sousa Bastos. Como este, com outro feitio moral, Luís Judicibus trabalhou muito na sua mocidade.

Quando na força da vida, militou no socialismo. Foi, com Azedo Gneco, companheiro dessa curiosa e digna figura que foi José Fontana. Daí o estribilho:

Viva o Judicibus
Viva o Fontana,
Viva o descanço
Sete dias na semana!

Tempos... Certo é que Judicibus, mais lido que conhecido, foi um tipo dum passado agitado da vida politica portuguesa. Ultimamente, tinha passado, como tudo e todos, quando se não morre — o tempo.

A seus filhos, em especial a Francisco Judicibus, distinto artista de teatro e explendido rapaz, enviamos as nossas condolencias.

A GREVE

de Lourenço Marques

LONDRES, 29. — Um telegrama de Johannesburgo para o «Times» diz que de Lourenço Marques informam que as negociações entre as autoridades portuguesas e os grevistas conduziram a um beco sem saída, em virtude das exigencias dos grevistas serem consideradas excessivas.

Engenheiros navais vindos de Lisboa farão circular os comboios; os bombeiros e a brigada militar farão trabalhar as oficinas.

Os grevistas receberam até agora das «Trade-Unions» do Rand, duzentas libras de auxilio. — (H.)

O melhor café é o da "Chic"
MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
R. DOS FANQUEIROS, 114
Provem os deliciosos Bifes da 'Chic'

A BURLA DAS NOTAS

Já se sabe

quem falsificou O TIMBRE

do Banco de Portugal

A nota sensacional das investigações deu-a hoje o sr. dr. Francisco Menano aos «reporters» no seu seu gabinete do antigo Credito Predial, ditando-a pouco mais ou menos nestes termos:

—Sabe-se já qual foi a tipografia em que, por ordem de Alves dos Reis, foi timbrado o papel que serviu para as cartas que, com a assinatura falsificada do sr. Inocencio Camacho, fôram dirigidas á casa Waterlow, de Londres, para o envio das escalas e para a ratificação dos contractos das notas.

Como se sabe, a casa Waterlow uma vez aceite em principio o negocio que Marang lhe propunha, julgou conveniente dirigir-se ao sr. Inocencio Camacho, na sua qualidade de governador do Banco de Portugal, para lhe comunicar que tinha tomado boa nota da encomenda e pedir uma palavra que lhe fôsse confirmação.

Marang e os outros autores da burla resolveram num pronto a dficuldade. Mais falsificação menos falsificação, falsificaram tambem o papel do Banco de Portugal, servindo-se de um timbre que dizia assim: — «Banco de Portugal — Gabinete da Direcção — Particular». Escreveram a Waterlow quantas vezes lhes aprouve no tal papel daquela maneira timbrado; falsificaram, sempre que isso lhes foi preciso a assinatura do sr. Inocencio Camacho e... fez-se o negocio, muito convencidos os criminosos de que, no caso de um dia se lhes descobrir a burla, ninguem teria duvidas em crer que realmente o governador do Banco de Portugal colaborára nela muito directa e calculadamente.

Começaram as investigações; Alves dos Reis, preso, fingiu que a sua situação não era de molde a determinar atrapalhações, e, em côro com os seus cumplices, decidiu-se um dia a fazer a sensacional revelação:

—Mas... quem deve saber disso é o sr. Inocencio Camacho...

O sr. dr. Pinto de Magalhães caíu das nuvens com a surpreza. Não era possivel; não podia acreditar.

—Sim?! Não é possivel?! Não quero acreditar?! Pois então...

E apareceram os documentos em que figurava, de facto, a assinatura do governador do Banco.

Passou-se o que os leitores sabem. O sr. dr. Alves Fereira substituiu o sr. dr. Pinto de Magalhães; as investigações seguiram seu rumo; fizeram-se exames, e averiguou-se que toda a formidavel negociata se baseara em contractos com assinaturas falsificadas.

Faltava o pormenor das cartas particulares do sr. Inocencio Camacho para a casa Waterlow.

—E isso? Se foi possivel falsificar os contractos, como poderia explicar-se a existencia em poder da casa inglesa de cartas particulares com a assinatura e o timbre do governador do Banco de Portugal?

Foi simples, como se vê agora e como consta da nota fornecida pelos juizes investigadores á imprensa.

Alves dos Reis, como precisava de papel timbrado, mandou-o timbrar. Este homem, pelo visto, só não se falsificou a si proprio porque isso lhe não foi preciso.

* * *

Outro pormenor. Os leitores lembram-se de que a casa Waterlow escreveu a certa altura, ao sr. Inocencio Camacho, uma carta que o sr. Inocencio Camacho não recebeu.

Porquê? Como se conseguiu interceptá-la? Explica-o, segundo as nossas informações, um telegrama que os juizes têm em seu poder.

Nesse documento, a ser certo o que nos conta pessoa de credito, dizia José Bandeira para Alves dos Reis que estavam tomadas todas as providencias para que a carta de 27 — a data daquela a que nos referimos — não chegasse ao seu destino.

A ser assim, quem foi o interceptador?

A policia o dirá quando julgar que é oportuno dizê-lo...

A questão da luz

e o que diz o chefe do distrito

Correu na cidade o boato de que o chefe do distrito ia publicar um edital obrigando as Companhias Reunidas do Gás e Electricidade a cobrarem a luz e o aluguer dos contadores pelo preço antigo.

Alguns jornais publicaram mesmo, esta manhã, a seguinte noticia:

«O presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal de Lisboa teve ontem uma conferencia com o sr. governador civil que, segundo nos consta, se prende com a publicação de um edital do chefe do distrito, acêrca do conflito entre a Camara e as Companhias Reunidas do Gás e Electricidade.»

O sr. dr. Barbosa Viana prestou-nos gentilmente, a nosso pedido e numa curta conversa telefonica, todos os esclarecimentos:

—Falei, realmente, com o sr. dr. Corvinel Moreira, meu amigo e meu correligionario Mas, apenas acidentalmente, se falou na questão da luz.

—Mas não vai publicar um edital?

—Não, senhor. A unica coisa que fiz, foi mandar um oficio ás Companhias, para que não cortassem a luz aos consumidores que tivessem obedecido ás instruções da Camara, em materia de pagamento. E isto apenas por motivos de ordem publica.

E, antes de cortar a ligação:

—Compreende que tanto o governo como eu somos estranhos á questão de direito. E limitamo-nos a providenciar para que não falte a luz á cidade, por motivos de ordem publica facilmente compreensiveis.

MONUMENTAL CLUB
Palacio de S. Luiz
A Direcção participa aos Ex.mos Srs. Socios que ámanhã se realisa no Club, uma "Soirée masquée de Cotillon Gala,, com premios ás senhoras.

PARLAMENTO

Começou

a discussão

da proposta

da liquidação dos bens

do Banco

de Angola e Metropole

Esta sessão de hoje é uma sessão de gente estafada, de gente derreada, de gente cansadissima. Ninguem presta atenção ao que se passa. O esforço parlamentar de ontem estafou as possibilidades dos representantes do povo.

Para a leitura da acta, uma acta enorme, estirada, que parece nunca mais acabar, nada menos de quarenta e cinco minutos. O resto, chamada e expediente, tudo com os mesmos vagares desesperadores.

De tal forma que o primeiro orador a usar da palavra, o sr. João Salema, só consegue fazer-se ouvir por volta das 4 horas, reclamando contra o pessimo estado em que se encontram as estradas no seu circulo.

Sempre a mesma historia. As estradas são, realmente, uma vergonha, um cáos, uma desgraça. Mas, para que reclamar? As eleições, as que passaram e as que hão-de vir, andam distantes. E quando não ha eleições é muito dificil, mas mesmo muito dificil, arranjar os caminhos.

Entretanto, o sr. ministro do Comercio, por dever de oficio, lá vai dando umas explicações e apresentando uma justificação, que meia duzia de deputados da maioria ouve atentamente.

—No norte do país, clama o sr. dr. Ramada Curto, está-se dando uma formidavel «chômage» entre os empregados refinadores de assucar.

As causas do fenomeno explica as, largamente, o deputado socialista não deixando de apresentar, a proposito, alguns dados de caracter tecnico.

Quanto ás consequencias, chama para elas a atenção dos poderes publicos desta terra porquanto, se não podem deixar abandonados alguns centos de portugueses que já se encontram a braços com a fome.

Este capitulo é um pouco delicado de tratar. O sr. dr. Ramada Curto, referindo-se a poderes publicos, não sabe bem se fala para o sr. ministro da Agricultura, se para o do Comercio, se para o do Interior. E nesta indecisão põe ponto final ás suas considerações.

Ainda desta vez é o sr. Gaspar de Lemos quem explica o que, a proposito de tão delicada materia, pensa o governo de que faz parte.

Ainda de estradas fala o sr. Fernandes de Oliveira que depois se refere ao abandono das aulas por parte dos alunos de algumas escolas superiores. O titulo de engenheiro, no entender do ilustre deputado agrario, está sendo usado por pessoas que a ele não têm direito. Resumindo: na verdade ha cursos superiores que não têm finalidade, que não têm objectivo.

E os rapazes que os frequentam, fazem muito bem em reinvindicar os seus legitimos direitos.

Pela terceira vez o sr. dr. Gaspar de Lemos responde.

Depois o sr. Baltazar Teixeira lê á Camara coisas diversas que á Camara não interessam.

E passa-se, são cinco e meia, á ordem do dia.

A proposta do sr. ministro da Justiça determinando o processo de liquidação dos bens do Banco Angola e Metropole, é discutida, em primeiro lugar, pelo sr. Matos Cid.

O deputado nacionalista, que é tambem um jurisconsulto distinto, está sendo atentamente escutado.

JOALHARIA LORY
Fabricando ha longos anos directamente para o publico, está nas melhores condições de perfeição e preço para artigos de joalharia.
Rossio, 40 = Tel. N. 3483